

## PLANOS MUNICIPAIS DE COMBATE À VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES (1990 – 2015)

Kauany Francisco Costa (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Ailton José Morelli (Orientador), e-mail: ajmorelli@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Biológicas e da Saúde/Maringá, PR.

### História/História Moderna e Contemporânea

**Palavras-chave:** história das infâncias, violência sexual, políticas públicas

### Resumo:

O presente projeto objetiva analisar as ações de combate à violência sexual contra crianças e adolescente que por sua vez, nos últimos anos, demonstra crescente denúncias na região de Ivaiporã - PR. A pesquisa implicará em análise qualitativa, principalmente com os serviços no município da Rede de Proteção à Criança no período de 1990-2015. A pesquisa traz enfoque em políticas de combate à violência sexual contra crianças e adolescente, visando ainda acessar dados quantitativos e estimativas dos órgãos oficiais e contribuindo com os diagnósticos da região. A Lei nº 8.069/1990, Estatuto da Criança e do Adolescente far-se-á presente neste projeto com comparativos e análise sobre o assunto.

### Introdução:

A pesquisa traz enfoque em políticas de combate à violência sexual diante crianças e adolescente, visando ainda cessar números e estimativas que tem perpétuas repetições e trará resultados qualitativos para a sociedade auxiliando efetivamente no prélio da situação.

Serão analisadas as estimativas da violência sexual em crianças e adolescente no município de Ivaiporã. A partir daí, é de grande importância o estudo de estimativas e a faixa etária das vítimas, tomando as devidas precauções e alertando cada vez mais a sociedade de que os agressores de violência sexual estão sim presente no nosso cotidiano, prática a qual, nos últimos anos, tornou-se normalizada diante tantas impunidades.

Os objetivos da pesquisa são voltados à análise e contribuir com os serviços e campanhas de combate de combate violências contra as crianças e adolescente, tanto dentro, como fora de casa. Os agressores domésticos, ou seja, os que convivem com a vítima, os tornam mais vulneráveis diante desta situação, pois a partir daí, iniciam as ameaças para que não haja denúncia, gerando outra violência do silêncio.

O recorte temporal será no período de 1990 – 2017, e aprofundando entre 2011 a 2017, de acordo com os dados do Boletim Epidemiológico. Os dados serão

analisados a partir da coleta que serão organizados em estágios de datas crescentes, mostrando sempre sua validação.

## MATERIAIS E MÉTODOS:

Foi necessária uma averiguação a partir de livros e documentos para a busca de dados, históricos e estimativas sobre os abusos sexuais em crianças e adolescentes, principalmente na região de Ivaiporã-PR.

Também foi necessária uma busca aos órgãos da cidade de Ivaiporã que trabalham em conjunto para o combate de violência sexual em crianças e adolescentes que são o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) para obter informações sobre o município referente ao tema e qual a política de combate que eles exerciam.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Em análise, é possível dizer que há uma grande necessidade na eficácia no tripé de seguridade social, senda elas: Saúde, Previdência e Assistência Social. Esse tripé trabalha em combate para com o abuso sexual em crianças e adolescentes. As vítimas de abusos sexuais ainda são diversas, pois para além daquelas que denunciam, ainda há as que sofrem caladas por medo, por vergonha, infelizmente perpetuando as agressões, criando então uma nova problemática.

Mesmo que haja sustentação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei n.º 13.431, 2017) que prevê a proteção contra abuso sexual, entendido como toda ação que se utiliza da criança ou do adolescente para fins sexuais, seja conjunção carnal ou outro ato libidinoso, realizado de modo presencial ou por meio eletrônico, para estimulação sexual do agente ou de terceiros, estamos vivendo um processo de efetivação de práticas repressoras e de apoio às vítimas. Os agressores, na maioria das vezes, são pessoas próximas das vítimas, tendo um grau de parentesco inclusive e atuam dentro dos lares, o que dificultam que cesse o ato de violência sexual, tornando-se constante e de difícil descobrimento dos órgãos de combate. As vítimas, por medo, deixam de procurar ajuda justamente pelas ameaças feitas durante as relações obrigatórias. Conforme as próprias palavras de Furniss:

As crianças que sofreram abuso frequentemente e são obrigadas a não revelar pra ninguém dentro da família ou fora dela. Pode ser dito à criança, especialmente às crianças pequenas, que aquilo que acontece durante o abuso é um segredo entre a criança e a pessoa que abusa. O segredo é geralmente forçado pela violência, ameaças de violência ou castigo. Algumas vezes, encontramos uma mistura de ameaça e suborno em que o ganho é secundário dos subornos e de tratamento especialmente o segredo que, não obstante, é basicamente fundamental nas ameaças. (FURNISS, 1993)

Ainda, como destaca Lavorati em sua tese, considera-se ainda mais difícil o combate quando não há dialogo familiar sobre o assunto, consequência do assunto censurado, vejamos:

Embora os números que expressam a violação dos direitos de crianças e adolescentes sejam alarmantes, sabe-se que estes ainda não retratam a totalidade desta questão na realidade brasileira. Acredita-se que muitos casos de violência contra a criança e o adolescente, especialmente os casos de violência sexual intrafamiliar não chegam a ser

notificados, tanto pelo tabu que ainda cerca as discussões sobre sexualidade, como pela idealização da concepção de família como um espaço sagrado e lócus privilegiado de afeto (é o “melhor lugar” para a criança viver), além da desqualificação da fala das vítimas (a criança “mente e fantasia”). (LAVORATTI, 2013)

A questão é: indivíduo vítima de agressão sexual precisa acima de tudo sentir-se seguro e ter confiabilidade em seu médico e afins sendo eles enfermeiros, cuidadores, entre outros que auxiliam no âmbito metuculoso do assunto, para então desenvolver um auxílio ao problema do paciente

Após o ato de agressão sexual, as vítimas se sentem com medo e com vergonha contraindo então doenças psicológicas quando não, físicas. No sentido psicológico, as doenças, mais comuns são ansiedade, transtorno do pânico, depressão, entre outros fatores que são similares que é evidente a necessidade do apoio quando for o caso:

As reações da família, principalmente da mãe, frente à revelação da vítima são um importante fator para o desenvolvimento de sintomatologias psiquiátricas e alterações de comportamento na vítima. Quando a família demonstra credibilidade ao relato da criança e assume estratégias para protegê-la, esta se sente fortalecida e apresenta maiores recursos para enfrentar a experiência abusiva. (HABIGZANG, KOLLER, AZEVEDO, MACHADO, 2005)

Adiante, logo depois de suas intimidades violadas, a vítima tem constrangimento de ficar em ambientes públicos, tornando então cada vez mais difícil a recuperação psicológica o que interfere ainda sim nas suas relações interpessoais e em desenvolver relacionamentos afetivos ou de amizade, pois naquele instante não há mais confiança, há medo, preocupação, receio, pânico, entre outros. Consequência da violência sexual é a tentativa de se matar, procurando a saída mais relevante nesse sentido para a vítima, que cessaria as agressões perpétuas e as libertaria das ameaças e ainda sim livre da “vergonha” encarada na sociedade.

## CONCLUSÕES:

A partir das análises e discussões do trabalho é importante verificar os sistemas de tripé de seguridade social, com prevenção a partir de projetos que integrem a sociedade. Na cidade de Ivaiporã foi verificado no sistema CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), ambos trabalham em conjunto para prevenção e combate. Porém, o município ainda não possui um protocolo de atendimento específico para as vítimas. Essa é preocupante no processo de combate aos abusos sexuais que estimam até o momento, segundo o CREAS, cerca de 150 casos registrados na região. Uma situação que possivelmente é muito pior, considerando que esse número não inclui casos que as vítimas, por medo ou vergonha, não denunciam.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Fundação Araucária e CNPq pela oportunidade de desenvolver o presente projeto. A Deus pela benção de poder terminar o projeto com êxito e ao meu orientador que foi muito prestativo e interessado.

## REFERÊNCIAS:

HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Sílvia H.; AZEVEDO, Gabriela A.; MACHADO, Paula X.. Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 21, n. 3. Pp. 341-348, set.-dez. 2005. Disponível em: Acesso em: 25 de março de 2018.

KOMATSU., Roberta Y.; HARTMANN. Jane B.. Violência e abuso sexual: O impacto na família da vítima. **Anais Eletrônico V Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica CESUMAR**, Maringá, 26 a 29 de outubro de 2010. Disponível em:

LEVORATTI, Cleide. **Tecendo a rede de proteção: desafios do enfrentamento intersetorial à violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes no município de Curitiba/PR**. Curitiba, Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

PFEIFFER, Luci; SALVAGNI, Edila P.. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria**, vol. 81, n. 5 (supl) 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa10.pdf>> Acesso em: 25 de março de 2018.